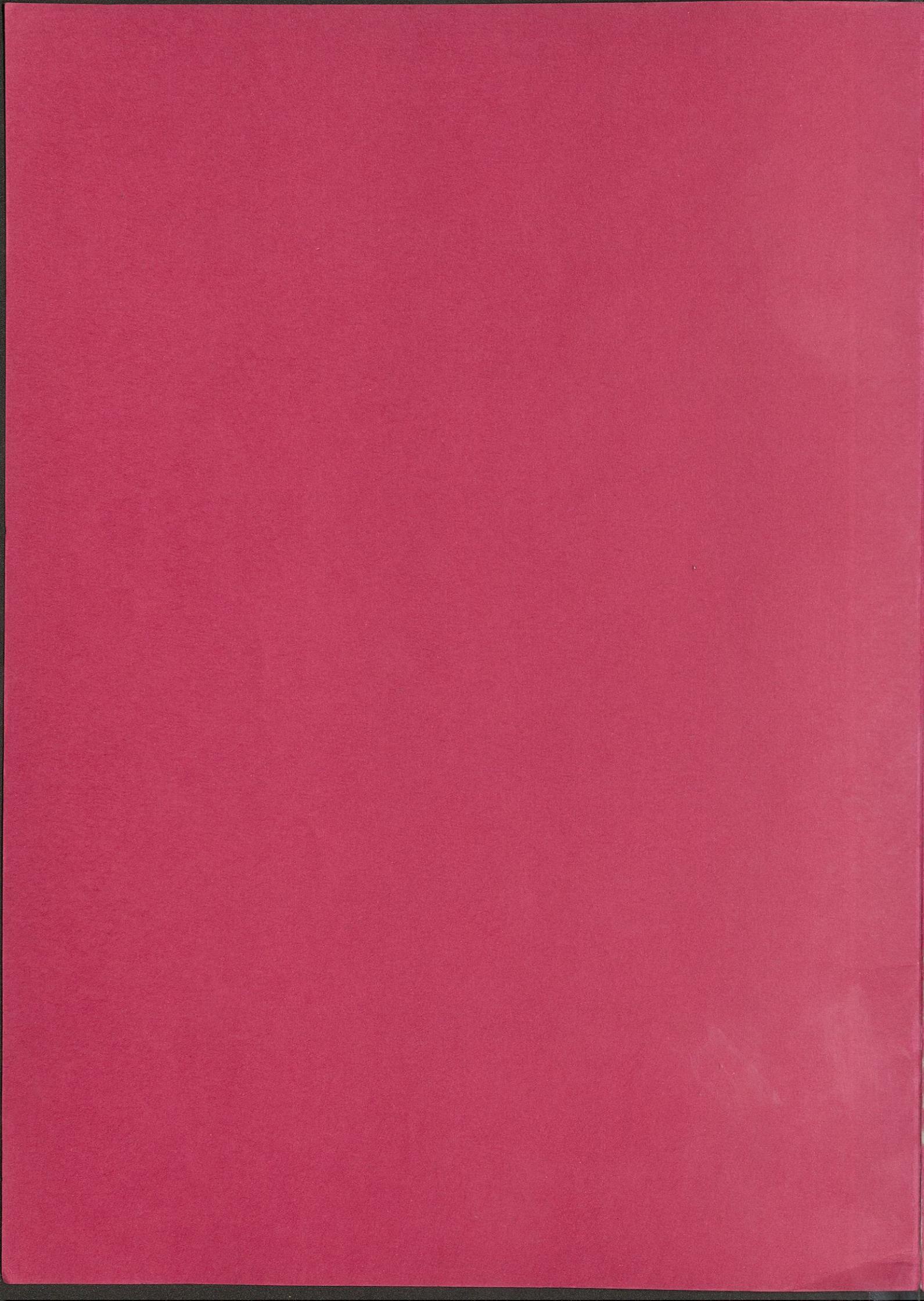


OFICINA de POESIA



#4



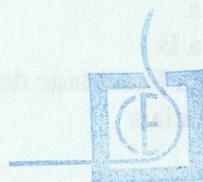
OFICINA DE POESIA

#4

Junio de 1995

OFICINA DE POESIA ✓

4



2112107
centro de estudos sociais
apartado 3087
3000 Coimbra
Portugal

Junho de 2000

Ficha Técnica:

Título: Oficina de Poesia, # 4

Coordenação: Graça Capinha

Organizou este número: aNa B

Edição: Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Apoios: Centro de Estudos Sociais

Composição: aNa B

Capa: João Rasteiro

Contracapa: Terassilva

Impressão: Secção de Textos da Faculdade de Letras

Tiragem: 150 exemplares

Revista Critica
de
Ciencias Sociais
Biblioteca

Arquivo de
Requisição

nº de registro _____

Autor _____

Título *Oficina de poesia: 4, 2008*

Data req.	REQUISITANTE - NOME	Data entr.
/ /		/ /
/ /		/ /
/ /		/ /

vo do tipo de trabalho de Oficina – alguns
cados em Maio, o #3 desta nossa pequena

a diferença e o debate, cada vez mais

qui a intervenção de quase todos estes poetas
públicas, nas acções em escolas secundárias,
, na participação (com sucesso) em vários
Um tipo de trabalho que, neste momento, se
cionais.

o que, antes de mais, agradecer a estes poetas
enho que agradecer também, e mais uma vez,
anos volvidos, acho que a Oficina de Poesia
criatividade.

Graça Capinha

um para-peito perguntado movendo-se a curvas de quase círculo

a sombra da altivez recai sob

formas tangíveis

a clivagem que se opera

na planície do teu cérebro

e essa voz que não passa

humedeceu

vincas o teu espaço entre lugares indizíveis

e os malmequeres são instrumentos

para o contentamento

e a ninfa não aguentava os quarenta graus de

INSPIRAÇÃO

e de viés

no estoril

dissipas os intervalos

e o incêndio no viaduto do sermão a vulso

os prazeres da porta
que só abre para as míseras máscaras devastadas pela chuva
da ilustração
e que range para mostrar a vela necessária
ao ginasta das palavras

num só fragmento de retórica profetiza-se
o capricho da vegetação das palavras

o silêncio das sincréticas sementes
intoxica-se de estranheza

tudo se passa como páginas repetidas na água

um para-peito perguntado movendo-se a estrias de quase músculo
ou a pressão repartida de um açude segurando vozes

samicas as mimosas nevam essa transação. vi(s)agem derretida em camadas

por
sobre

calhadas

uma terra um ofício um grama cicatrizado

o denso nata leve Pó Azul

aNa B

tinha cabeça aracnídea de saber não perguntar os fins

directoria 1^a

sempre reiterar da aliteração 3 saltos abaixo do expectante degolar

directoria 2^a

manter um vagar aparente propiciando assim um belo momento de saturação endógena ao público-alvo que deve Ter sido apropriadamente sensibilizado para o efeito à posteriori

sub-directoria 438 A

alinea c) Eito que busca o afluxo de mastigar da alumiação à distância nessa crepitação de su(l)cos

ardósia matizada no concentrado de retorno dois centímetros acima deste mesmo minuto ancorado à derme na pele do espaço

aresta viva de mancha costurada a ensaio no amarrar das ondas importadas a uma esgrima tangencial que faz das espátulas caminhos

mais uma só planta inventa a diagonal desentorpece o amargo malhado

um ventilador para uma rebelião de ardida

directoria 3^a ao baixar das pequenas ruínas desenhadas:

a cantórica cantárida cantoria dos cantos na avalanche

o maior sortido de larvas

Afrodite em coma profundo

Poemas
de paredes de pedras duras
opacos dormitantes
de momentos rijos
cheios de pus de mim

Poemas
corais incantadas metamorfoses

o que é a consciência do outro

Então, não controlo as palavras
sou igual as crianças
que pastam
o meu corpo é que cresce
doem-me as costuras
do crânio
a pele quase não me serve

Sadismo involuntário!
Fogo e dor
doce e tortura - diz-se sempre
e já não dá
apenas palavra
por fim, nada
- Sem insucesso

Os polícias são uns autênticos anormais
Tratam as pessoas como se fossem delinquentes
Mas as pessoas não são delinquentes
Os polícias é que são anormais

Anastácio Caraça

António Costa

Duas linhas sobre o exame d' Análise

Duas folhas pessoas debruçadas sobre duas folhas
Como é que a escrita consegue fazer sofrer tanto

Afrodite em coma profundo

De dentro de uma lida
 Avocada
 Com a lava do seu próprio ventre
 Com o pé do seu estro
 Com propósito de si mesmo
 Nesta fonte de água
 Lunar, meias unhas dos seus dentes

Poema
 de paredes de pedras duras
 opacas dormentes
 de momentos rijos
 cheios de pus de mim

Poemas
 teorias teoremas metamorfozes
 vocábulo inconsciente

Emancipação fervosa
 não controlo as palavras
 sou igual às crianças
 que passam
 o meu cérebro é que cresceu
 doem-me as costuras
 do crânio
 a pele quase não me serve

Sadismo irreverente!
 Foge-se e dói,
 doer é repetição – diz-se sempre
 e já não dói
 apenas palavra
 por fim, nada
 - Som inaudível

Um anjo dorme
Inacabado
O conteúdo
amolgado dissecado de circular a quadrado
prevalece
Invisível
Irrealizável
O caminho perdeu-se
O corpo ameaça desfazer-se
para mostrar a minha vontade
individual
somatório residual de medos e dúvidas
A ciência explica
quase tudo e avança para o resto
- eu em configuração paginada,
com um sorriso na capa.

A competição desaperta-me
os sapatos
Não sou a única
Não sou a princesa de ninguém
- nem dos príncipes que já não sei
inventar.

Fecho os olhos – ou abro-os
O importante é que seja o inverso
Comunicação fantasiosa, falácias...
Monólogo que cai em diálogo contido
Inovação
Derramar
Verbalizar
Cerrada em visitas claustrofóbicas
Escrevo porque dói.

De dentro de uma ilha
Avultada
Com a lava do seu próprio ventre
Com o pó do seu astro
Com próspero de si mesmo
Mesma fonte de água
Lunar, mesma união dos seus genes
com os seus genes,
a besta avultada boceja
e deixa cair a caneta.

Na data da madura
No olho que vê Usher
Por uma porta, no espirro
De Sodoth na boca do
mais bonito Inferno
onde tudo se engole
a si mesmo; na matina
de muitas cores sós
deita-se Fausto no
ombro de Salem que
se reclina
por sua última vez
no colo de Lilith
por sua a primeira vez
e escreve...uma ilha de vulto e nada
vestida para expirar
mescalina emplumada.
Na mão da Esfinge
Mordred Rex espera a resposta
E dorme no ombro da Esfinge a gárgula do
Pior Segredo mais bonito
Que tudo engole
E escreve...
Uma ilha que se dá à luz
Num delta calculado
Há milhões de anos
Numa gruta que degelou.

Quem escreve o quê, quem
Escreve quem, quem escreve
O que escreve
ensaia a melodia
dos eclipses, rascunha as horas
que faltam para o cadafalso
para o último degrau
de Ligeia
para a última trompeta,
para o último grão de ouro ser
extraído
e definhar.
Quem escreve as histórias
dos mundos
eventualmente
sucumbe nas cinzas de Argos,
ladra uma só vez
e deixa-se enterrar pelo seu Dono.

Rasgo de corpo azul com olhos em lado nenhum. Notem a forma em polaroid.
Acho que foi a descoberta da coruja
encerrada na profecia
em arco sobre o crânio. Dá-lhe relevo episcopal.
Não que precise de eloquência por si . O riso prateado faz tudo.
A pequena ruptura no torso donde sai uma pequena
onda
de bisturi.
Vejo que precisamos da lua no recorte esquerdo junto da axila enevoada
Vejo que a boca lhe sai em espiral
Muito pouco activa o facto de passar repentinamente
A vermelho num dedo para a orquídea central da figura de fio
de perfil estrangulado nada igual
ao outro. Devo-o à tesoura que faz o quarto-crescer a carvão.

deixar a noite entrar estranha
como se ao adormecer tocasse em lamaçais extensos
que perduram e enfeitam a memória como um sino de Igreja
... a voz que chega
martírio seco na boca
onde a côr não tem côr
nem cheiro
... tudo de uma vez...
encravado na garganta
... se esvai
em momentos flagrantes no meio de multidões ...
como
lamber as lágrimas incólume a uma chuva de estrelas à devida distância
também não tem som
sabemos de cor sem querer
destilar o suor em passos deselegantíssimos
fechar
os braços para não deixar----- a língua -----
-----arrastar
ferida no céu - da - boca - a - iniciar - a - peregrinação - interior - que - me - leva
a adormecer na pele... a pele é tudo o que re-cobre a imaginação
- a sombra na água -
e se falássemos de
----- prazer ----- p - raze - r na voz
de uma criança
(des) escrever na folha em branco - o s a b o r - orquestra
vazia
a eliminar vacúbulos *quando-o-sangue-anda-solto-com-o-descanso-límpido-entre-o-
ventre*
e as pedras molhadas pela chuva resolvem a desconexão do mundo
- as cores -
as cores para lá de nós - só de nós - para lá...
como se a voz as tatuasse para dentro (...a luz)
e depois
perto de cegar
o rosto
chorar
até à noção
da palavra
pregada
à
... respiração
enquanto
a
palma da mão

aquece o mundo virado para mim
em ecos pesados
.....
..... como se fechassem portas
de minuto a minuto
palpites ensurdecedores
esquecidos
em frestas de rochas virgens

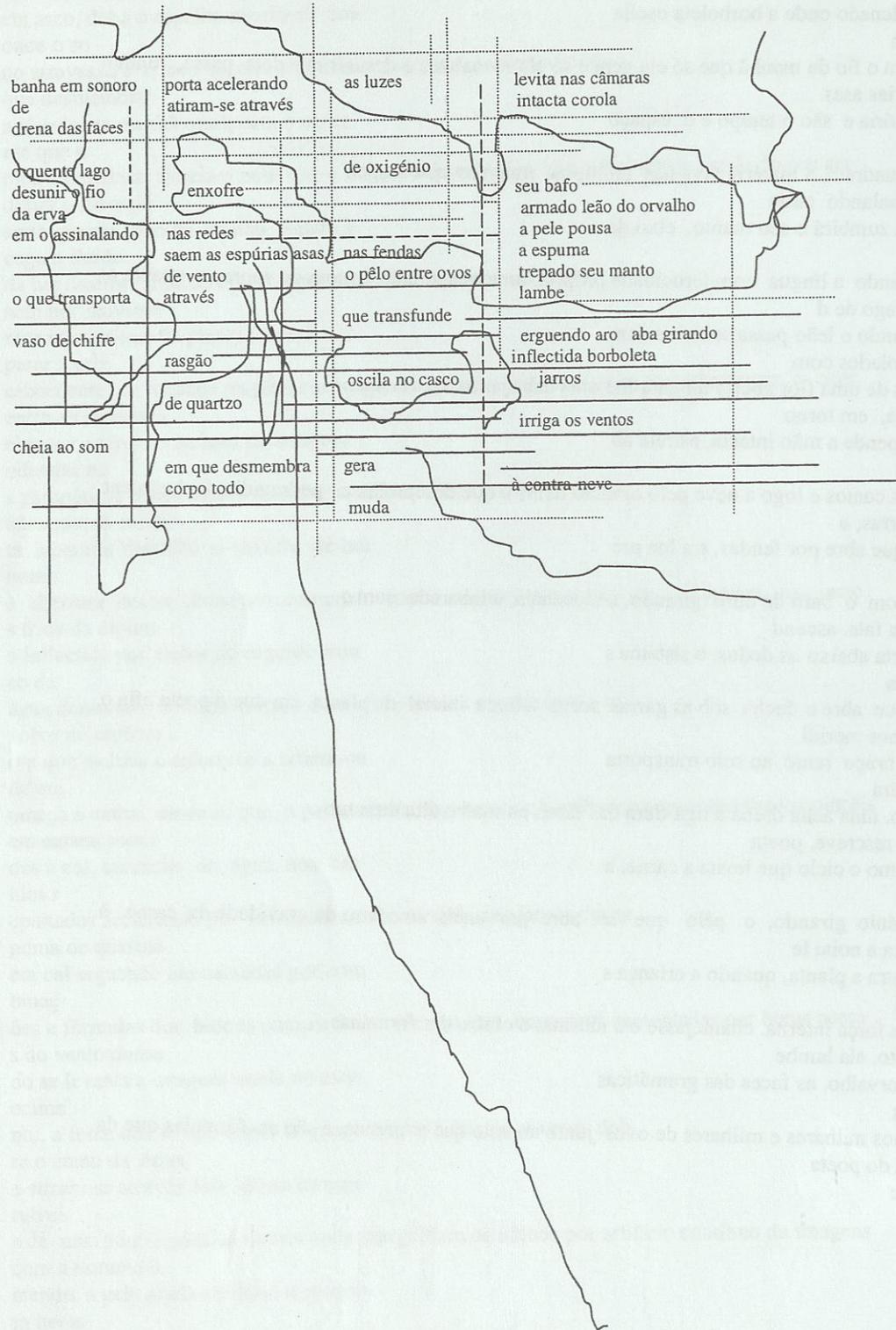
(O que é a loucura?) entre as lágrimas do sol - a
minha -
loucura nasce quando escuto os sentidos
borbulharem
nas veias ... o meu corpo nas veias ... deleite
da voz (na *Vox*) num sítio que não se pode ver
a f o r m a
espalha-se pelos dias
morre num céu branco s o b e r b o de bem-
aventurados
que começa no fim... as noções.
As noções são abstractas.
... abandonar-me à noção... a simples conceitos...

s e n t i r
- vértice
o - corpo - girar - em - torno - de - um - mesmo
espiral - eterna - de - caras - e - rostos - rasgados
por lágrimas
em repetidos movimentos sem contornos
fixos
onde o sol quer o
céu
numa beleza que é quieta e fria
vive
entre os dedos.

daniel matos

a lua entra pela oficina. graça intacta
nas areias
pelo fundo das aortas à luz que entreabre o coração irriga a corola, a língua nectária canta o
únicofavo, a flor
em arco, doba o espelho aberto ao céu
onde o so
no atravessará o seu manto, a planta, o peso, ouro sobre o chifre
que desmembra
a lêveda. na manhã transporta o ser re
nte que o
olha e emudece. ficaria o peso que é o leite ordenado em que a borboleta oscila do seu ser
dobra o fio espir
ando poema que da manhã separa e
cega o fluido
da luz desfibra o pé de orvalho por tocados elementos da onda e o
som por movime
ntos iniciais que da planta tornará a se
parar a cria
esboroante por tocados rasgões em sangue expelindo as luzes negras das gramáticas, e conc
entra-se através d.
elas por exercício incluso de imagens r
odeadas na
s gamnéticas constelações da cabeça, afia o corpo todo à força das
câmaras. da remo
ta labareda desdobo o enxofre de um
nome
à abertura inteira desse aro composto saem os animais doces das alimárias, os jacto
s frios da espum
a inflectida por visões do erguido tron
co da
água demorada ao caos. trepa a erva alta e liberta a garra que o en
volve no espírito c
om que embala o esforço e a ordem on
de rec
omeça a entrar, dir-se-ia que, o pensamento, dos campos batalhados sopros desabados pincéis
em catana sopra
dos à cal, caruncho da água, nos cas
ulos r
epuxados acelerando por vasos, sacos de orvalho nos jarros em es
puma de quartzo
em cal erguendo em camadas por com
binaç
ões e fórmulas dos blocos compartimentados na Luz. barragens aumentadas por heras acesa
s do vento pausa
do se levanta a imagem muda no esqu
ecime
nto, a fonte dos ventos erguê-la agora batida e fria na aragem, dob
ra o canto da água,
e atiram-se através dela linhas transpo
rtávei
s de uns pontos para os outros onde mergulham os blocos por artifício contínuo de imagens
com a espuma b
atendo, a pele muda ao linho trepado e
m heras
arrepanhadas ondas por animais em animais de fonte cheia e quen
te se liberta a planta
de vento. se alguém transfunde o espel

ho e o
abre por oficiação, a roupa fria, a queimadura contra os dedos nos nós amassados de átomos
em potência por
fibras vivas de oxigénio armado à plan
ta. a ab
elha zumbe junto ao tímpano e aproxima-se. diamante . brota-l
he a raiz fria que é o
leito ordenado onde a borboleta oscila
. é peren
e e dobra o fio da manhã que só ela gera e só ela reconhece o desunir que dela passa, juntam
as espúrias asas
na memória e são o tempo e o espaço
sonoro
que enquadram, a matéria viva nas múltiplas imagens que suspen
de assinalando onde
a harpa zumbirá o seu manto. eixo de
protões
incendiando a língua com ferocidade própria. uma quantidade do som ou sopro, o quente e
manso lago de d
eus. quando o leão passa sobre os cam
pos desolados com
as redes de uma flor aberta rebenta-lhe uma cabeça, o circuito da p
rimavera, em torno
que suspende a mão intacta, estrela ab
erta por
todos os cantos e logo a neve pelo orvalho dentro. que desenrolasse. pedregulho fechado ent
re as garras, o
néctar que abre por fendas, e a lua pre
sa nas
patas com o bafo de ouro girando, a inocência, a labareda com q
ue afia a fala. ascend
esse porta abaixo os dedos, o sistema s
ideral da
febre que abre e fecha sob as garras sorve a boca inicial da planta em que o poeta afia o
cabelo nos meridi
anos, o braço rente ao solo transporta
a primeira
floração. uma acha drena a liga-dura das faces na malha alta dum tub
o que o rescreve, poeta
ele mesmo o ciclo que levita a carne, a
sombra
de oxigénio girando, o pêlo que se abre por anéis ao centro da gravidade da carne. à
sua volta a noite le
vita contra a planta, quando a criança s
e banha
pela sua força interna. chamejasse ela mesma, o chifre das fornalhas
ao hausto. ela lambe
cor-de-orvalho, as faces das gramáticas
entre os
dedos nos milhares e milhares de ovos junto ao solo que a prende. e são as fórmulas que da
matéria do poeta
se sorve



(ler extremamente devagar)

truz, truz!

Quem é?

É o Cachimbo.

O cachimbo quem?

O Cachimbo da Paz.

ca-chim-bo

boca—chimpanzé—buço revolucionário

Ha—va—na / Nir—va—na / Sa—va—na

HaNirSa

Controlo aéreo impossível

as fronteiras terrestres fecham-se

o copyright está fodido

Rios de informação.

É a Hanirsa informática.

Cyberhanirsa — O reflexo infinito de espelhos quebrados

Dispensação fragmentária

Satélites à deriva

Manuscritos em hipertexto

Foca-se o canto da moldura

ZZZZZZOOOOOOM...

O canto, afinal, é um simples canto.

Sonoro, o som da explosão

Socorro... — Afogo-me.

Semelhante ao delfim

libar, tocar com os lábios.

Qualidade de quem ou daquilo que é delicado,

adiar a costa do mar até ao delta do Nilo.

Tratando-se da eloquência do espírito sobrenatural,

qual homem que julga saber tudo.

Portátil, teimoso, insistente no erro. Obscurecimento do espírito revirado ou enrolado para baixo.

Dar tantos tiros quantas as cargas que o silêncio contém. A parte que se quer amputar, consagrar o oculto, a primeira infância, o leito da criança.

As pessoas devotas trazem fitas ao pescoço, símbolo de benevolência infantil e bebem da teta artificial de borracha.

Presença acidental da felicidade — a tranquilidade do Dinheiro acumulado pela sorte.

Quando a colecção for apresentada ao público emulsionado, repito: emulsionado, será distribuído de maneira perfeitamente homo, génia, chá ultrapasteurizado. Para espanto e pasmo dos presentes, somente 1/2 hora antes do jantar será o líquido obtido tomado. Imediatamente a seguir, já com o estômago reconfortado, irá o ajuntamento pseudo-pseudo-pseudo-intelectual deliberar sobre o actual grau de desnatação global que, através de delicada e minuciosa observação, se revela como sendo a principal referência norteadora da erudita obra que, refira-se, se encontrará extremamente bem-disposta no amplo e elegante espaço da galeria.

um ramo
pela fenda
des centra da

o arbusto
enterrado aos olhos no
sal em
círculos consis-
ent(r)es
a objectiva estalantemente perturbada
em espaços filtra-

dos dedos
das unhas
ao sabugo da palavra

forças de avessos massificados
fundas de segredos

saber os movimentos in-
vulgares
de arbustos silábicos
em faixa-dos de
sombras nos dedos

à loucura
na morte volventemente dobrada
ao redor da língua

Emiliana Cruz

a partir de Cristina Néry

cristais linguísticos
simetricamente canibais
em retratos
perturbados
às caras rasgadas-
das vozes coalhadas em
poeira

vertiginosamente retardados
ao côncavo dos passos-

entranhas desconhecidas
transgressoras no
espaço
dobra-
do
no dedos

des)
ca)
ir)

o rosto nos

s o n s
de nomes-

arestas
frestas
que se trocam
em

silêncio

BLOCO CENTRAL

A cola na fita das palavras
decalgadas no dizer-se
em rascunho letivo.
Apontamentos por motor
biblioteca macabada.
A ponte que dá para as fundações
da barragem como aplicador
de re-estética
margem da margem do calendário

Não me lembro de ser gigante
nem gladiador de flor no cabelo.
Fui fantasma de falsas aparências
com 8 dias de descanso por semana.
Não me lembro de abrir as costelas
nem de acordar babado entre as ervas.
Pus os pés em areias verdes
e contei 7 estrelas cadentes
Mas não me lembro dos desejos
nem sequer se os tive...
Ah! Lembro-me agora!
ossos quebrados, morfina e coca-cola.
Dos outros 4 já me esqueci
Também não me lembro do reflexo das pedras
ou da altura das árvores nas primaveras.
Nascem formigas, mas ainda aprecio certos piqueniques
e um bom espectáculo com palhaços tristes.
Não me lembro da morte do Elvis
nem de nascer no dia seguinte
Mas a vida é assim... e há que ter cuidado
com perfumes tatuados em pescoços vazios
e tons garridos que voam, como kamikazes, por todos os lados.

Saudade
como antecipe
na faculdade da tristeza
cu que te acompanha,
no bloco central da
que é em mim,
na tragédia do destino
das gotas de bagagem que caem
pelos matos do teu.
Argamassa,
Fundação do Bloco Central

Velozes e Poderosas são as Máquinas,
as ideias que me nascem nas Fábricas,
as pernas que me correm aflitas.
Veloz é o 'clic' do botão, o virar da chave.
Poderoso é o trabalhar do motor, o espirro do vulcão.
Rápidas são as rodas nos concursos da Televisão
e fantásticos são os prémios
as viagens às praias da Flórida, com palmeiras e tudo
e a segurar os cartazes, meninas esculturais em biquinis vermelhos.
Poderoso é o Topless, e perigosas são as mãos, como no Boxe.
O Poderoso Boxe! com as suas voluptuosas meninas
nos seus Velozes sapatos de salto... 2º round... deslizantes...
como pastéis em tapetes rolantes.
Veloz e Poderoso é um K.O.
fica-se arrumado num instante.
Desodorizantes são indispensáveis para uma boa relação
Veloz e Poderoso é um pássaro, é um avião...
Não!...É o Super-Homem!
Velozes e Poderosas são as Máquinas,
matam e mutilam com precisão
Explodem de Poder as bombas químicas...
nucleares e Japoneses são os nativos do Japão.

BLOCO CENTRAL

A cola na fita das palavras
decalgadas no dizer-se
em rascunho lectivo.
Apontamentos por anotar
biblioteca inacabada.
A ponte que dá para as fundações
da barragem como aplicador
de re-existência
mergulha na hidráulica do calendário
da sepultura da alegria.
Floresce o texto
no albedo dos anagramas
do bloco central da
poesia algorítmica.
Antítese na capa da vitória.
Dizer-se provisório,
na percentagem
da garrafa que se verte nos
beijos das golfadas
desta existência aprisionada.
Fluímo-nos na geotecnia
do Fim.
É a caspa da madeira
que se solta por entre
as rendas da terra que cai,
a terra que nos cala, abafa
e devora na divina comunhão
do PÓ.
caixão vazio de ti e
cheio de nós na memória
das pedras que agora
te recobrem.
Saudade avançada
como exame antecipado
na faculdade da tristeza.
eu que te acompanha,
no bloco central do
que és em mim,
na tragédia do silêncio
das gotas da barragem que escorrem
pelos rostos do teu.
Argamassa,
Fundação do bloco Central.

Frederico Cardoso de Jesus

A calvície do chapéu
do sétimo dia.
A rolha da garrafa
nas colunatas da fuga
da tesoura do tempo.
O estóico e o epicúrio
na história de todos os dias
desaparece no portal
da memória como
taxa de refrescação.
As ambivalências prosseguem
no contraste da luminosidade.
Fotões e neutrinos
que nos perfuram a retina
e poluem o ar com
larguras de banda cada vez maiores.
E nós,....., cada vez menos nós.
A subtileza a desenhar o mundo.
O mundo a desenhar-se com
as gónadas e o útero de deus.
É a biologia do pensamento.
O poema na intersecção
das combinações das palavras.
Arranjo na permutação de
um sistema de unidades diferentes
abrangendo várias dimensões.
O universo gira na
percepção extra sensorial
da caneta que me comanda
pelas linhas da imaginação.
Eu sou o habitante do
ninho do poema, enrolo-me nele
como na vida intra uterina
e o meu cordão umbilical
são os versos que me
falam
do mundo que não há
senão nas endométricas paredes do ninho.
Eu grávido de universos e ninhos.

Graça Capinha

A Grande Deusa

o sonho dentro do sonho
poema dentro dum poema
o mesmo da passagem
na passagem do mesmo
 ficção do murmúrio
 de um deus ausente
 que se narra
 na iminência da morte
 água fogo som

passar na passagem sob o tronco
o arco de César
a Grande Deusa nos braços
do Amado as marcas
nomes contos
fogo o ar
na harpa da garganta
a trivialidade da sobrevivência

*não existe o desconhecido
apenas o imprevisível*

conta-me qualquer coisa...

o peso da própria criação
nos braços do Amado
a iminência do raio
sobre a pequena lareira
lar eira ar

como hei-de dizer...?

o dentro e o fora
o lado de cada lado
possibilidade que crepita

som

abrir a passagem
à pureza dessa Virgem
da Renascença

a morte como
eternidade do rebento
verde
a fazer-se caminho
passagem sem outro lado
ciclo do fumo que regressa

a liberdade
a parir
a dor da primavera
num conto

língua contra a pedra
língua contra a água
língua de encontro ao chão

a Grande Deusa na violência
do parto da violência
onde não há palavras

as palavras como violência
da passagem do conto
que traz a morte das Virgens
da Renascença
o choro dos Amados que
hão-de morrer
sem Pietás
aos pés do tronco erguido
da escuridão mais funda
da terra
Grande Deusa sem braços

o corpo músculo
inarticulado sobre o acto
mão
som como lâmina
sobre a garganta

*havemos de encontrar-nos
nesse lugar*

lá...

nesse rizoma implacável

"A sombra do silêncio"

infância

há em cada janela uma lembrança
dura, de árvores e gentes tangidas
p'lo som fechado em portas carcomidas.
dias nítidos a rodar, qual dança

nesse búzio que a boca sopra longo
ribombar d'águas, os ecos na folha
dos cântaros, o chafariz que a voz restolha
em tardes ôcres e bocas ao fogo.

visão do nome pelas mãos arrastado
cheiro branco cio de laranjeira
no mapa da noite a ferro forjado

pela varanda com que o dedo-arado
sulca constelações naquela esteira
escura, que ainda é o meu telhado.

“Travessia”

Por vezes o silêncio
Por vezes o rumor das pedras
quase sempre o sopro silencioso da serpente
quase sempre o estático rumor da falésia

*

no ócio submerso oscilam os membros
esparcos e fugitivos ao fluxo do corpo
entre a ânfora e as vagas secas
o grito puro debruça-se na extensão
e no reflexo estéril que a estrada silencia
a parte mais elevada do corpo asfixia

*

por vezes o espaço
por vezes o sabor amargo da argila
quase sempre o indolente espaço transportando os vivos
quase sempre o sombrio sabor da memória

*

a areia metálica perfura as unhas
que dissolvem a língua que habita a espuma
os braços luminosos convertem a lama
que caminha em direcção à água nua
e nas finas lâminas que equilibram o horizonte
a base do corpo também se inicia
embriagada de silêncios de espaços de gritos

*

só a serpente de ouro que dança sobre a falésia
mostra a face o verso e o reverso da nascente!

“A sombra do silêncio”

quando a loucura entra em cada vértebra
quando a pedra se move incompreendida
a boca e o anus sazoados, exaltam a seiva da loucura
a voz e a paixão estival, perfuram o sono da pedra.

*

as estátuas vão espreitando o focinho do silêncio
esgotado nas guelras rosáceas, que se afundam no cimento
enquanto a luz aniquilada, nos limbos arrastados da boca
encontra uma árvore apodrecida, do tamanho das estátuas
o lento adormecer do bafo, que já vagueou a floresta
a sombra da sombra das estátuas, no meio do ar
onde a pata da loucura, pronuncia os jardins das vozes.

*

todos os corpos respiram a ressaca das veias
todas as dores entrelaçam a simetria do dorso
e devagar o malmequer, exprime com brevidade a dança dos corpos
e um orvalho inocente, perpetua manualmente o furor das dores.

*

das margens da transparência, dispõem-se faíscas em delírio
enredadas em cicatrizes de rosas, banhadas em limalha
que buscam entre si, o ar, a árvore, o silêncio e a dor,
minada em portas dolorosamente rangendo até às raízes,
e no fundo das vagas, turbilhões de corpos consomem as águas
ignoradas na loucura primitiva, contra o movimento nocturno do homem
de cabeça ardente, que já não tem na boca o ofício de sorrir.

*

dentro das pedras, as vértebras movem lentamente as estrelas
que modelaram, o início e o reinício do animal cativo!

Jorge Andrade

João Rasilho

GESTUELLE

UNE DES POESIES d'ELLE

SPLACH

Elle apporte du sable
Elle amène du sable

SPLACH

Elle atnène du sable
Elle apporte du sable

Au loin, une caravelle
monte avec elle descend d'elle
monte avec elle
descend d'elle

SPLACH

Elle apporte du sable
Elle amène du sable

SPLACH

Elle amène du sable
Elle apporte du sable

Comme, est belle
cette caravelle
en montant avec elle
en descendant d'elle
en montant avec elle
en descendant d'elle

SPLACH

Efle apporte du sable
Elle amène du sable

SPLACH

Efle amène du sable
Efle apporte du sable

De partout des continents
Elle sème

SPLACH

Elle apporte du sable
Elle amène du sable

SPLACH

Elle amène du sable
Elle apporte du sable

COMPLICAÇÕES DO MEU EGO

Creio que era poesia
Devia ser poesia
Tinha de ser poesia

Era poesia ser
Era poesia creio
Era poesia tinha.
Era tal tinha que tinha de ser poesia.

Tentei compreender.
Peguei nos dicionários,
nas álgebras, nos compassos
para traduzir medir espaços
depois

peguei vários descodificadores
para saber, nos computadores
no software hardware
where eu poderia chegar
sentado no belvedere

A máquina, simpática,
como num jogo perdido,
pôs-se a gritar

AH ! AH! AH! ÔH! HI ! HI ! Ô

e logo escreveu

CONFUSÃO LOGRO

Perdendo daí o sentido
disse
Que grande chatice
o raio da máquina
disse
que eu tinha razão
no meu eu
eu
eu tinha razão.

Um pátio ou um pulso,
a morte como a casa atravessada
por um nervo,
o abismo soprado sobre o nome.

Poemas escritos em noites escuras
no silêncio sorvido lentamente
lançados com uma mão louca
como se fossem redentoras fúrias
de um corpo de pedra.

A moeda vinda, virada,
um grito de fúria
olhando a cruz lamida.

As mãos sopram o vaso,
trazem a essência à superfície.
O segredo é uma vara horizontal,
sangra ou floresce nas fronteiras.

Alguém de dentro
toca o equilíbrio da flauta,

o arco atravessado do mundo.

Uma renúncia é interior processo a
vertigem embriaguês
fugação de letras desorientadas.

Dorme dorme a cidade.

talvez amando uma a mais
junto à cabeça - uma pluma
e uma pena amarela para
conquistar o silêncio
enquanto as vozes se
fazem ouvir
da véspera do boi.

Dentro deste círculo
que os olhos desentram
rigorosamente
desentram-se o desentram
do pequeno verso
de sentenças forjadas
amareladas
E tudo se ilumina
Com a luz da última estrela.

As imagens correm as órbitas
contornam a boca
penetram nas vísceras
equilibradas e azuis

A linha imaginária exata e viva
atrapalha o círculo
com venturas indolentes secretas
sobre o repêto e vago
estremecido da água.

Maria Alcina de Almeida

Dentro deste círculo
que os olhos desenharam
rigorosamente
desprende-se o desalinho
do pequeno verão
de sementes longamente
amadurecidas.
E tudo se ilumina
Com a luz da última estrela.

As imagens cercam as órbitas
contornam a boca
penetram nas vísceras
esplêndidas acesas.

A muita linguagem exaltada e rubra
ultrapassa o círculo
em vertentes múltiplas secretas
sobre o repetido e vagaroso
estremecer da água.

Poemas escritos em noites ardidas
no silêncio sorvido lentamente
amados com uma débil loucura
como se fossem redentoras faíscas
de um corpo de perda.

A moeda virada, varada,
um grito de fêmea
olhando a cria lambida.

Depois de um infinito vazio
expectante amarrotado.
Profecias fechadas visões corridas difusas
corpo mordido pelo feno da tarde
corpo cortado pelos vidros quebrados
de ilusórios vitrais.
Uma remota e interior promessa
vertigem embriaguês
fulguração de letras desordenadas.

Dorme dorme a cidade.

Talvez amanhã surja a matriz
junto á cabeça sem plumas
e uma nova arquitectura pura
magnífica assimetria
sufoque as velhas raízes
pilares banais
da véspera de hoje.

*O cansaço de aço
Escorre pelas veias rasgadas;
A ressaca de café
dança uma valsa
do interior da chaleira
À boca.*

*Como bengala recurva,
a asa
sobre o esqueleto.
(Descalabro aparente!)
Um bafo marmóreo
De outros incorpóreos exala.*

*Calafrio.
Na folhagem
os pés.*

*Um gesto ligeiro,
Chicotada de raspão
Em carne viva.
Ah! Animal feroz
Por quem és?*

Cascos a render
Com olhos que a invocação matou.
É a página e o poema.
Dor ,sangue
Morgue
e-e-e-e
silvos, sol, sempre.
Estridência apurada
Deusa a empurrar.
Vinte no fundo de um ovo
Privado entre almas.
Ácido de flores solenes
Degredo de roldanas,
Café seco.
v-v-v-y-v
Cosmos num fecho de porta aberta,
A barca longínqua no pássaro de
Crosta de carne leve.
Seria hélice ou arcanjo
A farpa do cérebro?
f-f-f-f
Condutibilidade.
Conta, conto, desencontro.
Descai a cabeça em volta
Do espírito.
Poeira.

Ausente o Centro

au sente o centro, pro cura
incessante, rodo pio ocular
lou
cura
hipnótica social
calma
mente
dia
rreia cerebral
lombada vertebral erecta
come
morando
esgotos
casas desbeijadas
toalhas de tambriquite
dibengos tamborilhando cabaças
nos cafundórios do inferno
pro
cura au
sente

Palavras verdes

por cordas supostamente amadurecidas
em sentimentos indistintos

nascida da noite escura e de
um luar enamorado
pele canela fina, dentes pérola de
Ceilão
seu berço mazungue, cafezal em flor
dedos de arte trovejam floresta negra
relampejada
de tipóia viagens tropicais
delírio de encantar
palmeira ébria de marufo em
sol poente
mergulhou o oceano em metamorfoses
caminhos de geada
amar
gurou
calcorreou serras de livros
de novo o ciclo inverso se processou
olhar morno novos rebentos
o amadurecer e o cair do
fruto tropical

Palavras verdes

por cordas supostamente amadurecidas
em sentimentos indizíveis .

Corpos amalgamados
.Separados

A dor levada entre os dedos da noite
oculta
em circuitos reluzentes
abertos a si.
Por si. De si.

Verde g-o-t-e-j-a-n-t-e
de quatro patas som.bri.as.
Identidade Maldizente
de caracteres
.Incógnitos.

Ameaçador.
O grito de si
por entre peles secas.
Agu-_-_-_-_-_-_-_-_-_-_-dizante
Ferver no horror de cada som
lançando-se como um louco
sobre a teia
.descoberta
.De si.

A superfície tacteada
.Disforme
prisioneira de formas em que não cabe.

De si
Este e este
Sim plesmente.

é numa dessas manhãs de outono que escrevo,
nas manhãs que nada contam de novo.
nas manhãs que nadam.

foi num mês de dúvida condição que me ensinaram de outubro
o seu nascimento no tempo.
no tempo das manhãs e das tardes
nas noites sempre tuas. nas noites.

a tempestade está na paragem das árvores nubladas.

o *dealer* deve-se ter enganado no trajecto,
são oito horas na praça,
na praça onde não chega a encomenda
para te dar um presente sem chuva.
não chega ou não vem? já não mora a certeza...

na paragem das árvores está a tempestade nublada.

escondeu-se na sereia. o sol refugia-se
no mito da sereia do jardim da sereia
sem sereia que encante nas páginas dos lusíadas.

lusíada foi esse teu gesto primeiro
desses que não há nas curtas metragens.
luso-antípoda anti-cor como flor

quando param, a tempestade está nas nebulosas árvores outonais.

e o poema continua
até que a espera viva
sem pássaros que movam essas folhas,
essas folhas nebulosas e permanentes.

NA CARNE NOCTURNAMENTE TREMULA DA ESCRITA

Os amantes

difícil separação do sol ambulante
e erótica sem esses

beijou nos precipícios moribundo
cronómetro da liberdade.

apoiam-se nessa posição ao fundo
bebendo-se sentados
como cometas.

o demais o demenos...
virás então mesmo morto
com o amor a afundar-se
ao som da cratera cópula chapa de ferro

morro e ressuscito
nas esquinas.

és pó, farpa de terra sem membros
e eu virei ver-te por morfoses metálicas.

impacientes seres fomos
amigos das pontes na metonímia das margens.

os vícios são mansos.
tombamos nos pais mortos
como gansos
e somos sem a família.

Paulo Renato Cardoso de Jesus

Ser só ou serem-me Outros

no acto da minha escrita ou
quando a escrita me toma em acto seu
a solidão faz-me um cerco alto e espesso
como só será o vértice agudo da Morte

tudo começa no corpo do vento
no sopro no barro do ventre do vento do meu corpo
tudo se funde nas ondas lunares das mãos tacteando sinuosas
tudo fermenta na massa espumosa do desejo
na seiva quente roendo o útero das palavras
roendo o útero da memória das coisas
o útero de tudo de aquém e de além

as palavras intestinas defecando-me
as palavras genitais masturbando-me
violentando-me todo na minha docilidade insciente
no meu equívoco sensível de amante e prostituta

a solidão faz-me um cerco alto e espesso
como só será o vértice agudo da Morte
o vértice instante das águas caudalosas
vindo anunciar no seu acto de escrita em mim
a sede primitiva e a carência da visão essencial

O poema tece-se à temperatura febril e festiva
de muitos corpos amalgamando-se noutros muitos
O poema tece-se dos fios quentes da saliva lamacenta
em muitas línguas desdobrando-se noutras muitas

O poema mora ali no caminho viscoso das línguas
mora andando dumas às outras na solidão de morte
que é meu corpo padecendo a compulsão convulsa da escrita
O poema é a secreção húmida dos demónios dos outros feitos eu
O poema sou eu fecundando demónios no útero grávido dos outros

No fim do poema fico sempre mais só
e choro pelo que Foi e pelo Depois

NA CARNE NOCTURNAMENTE TRÉMULA DA ESCRITA

É no colo quente do Poema que o mundo amanhece

É nas águas pacíficas do Poema que o sentido se banha

fiel ao rito só seu de beber o silêncio da sombra

vespertina

enquanto dança ao excesso e à volúpia com a filha

seminua

do Mistério

a filha mais

bela

Beleza tanta

na forma e nos sabores terrestres de nos ser dada

Dádiva tanta

para o Amor e para a Loucura sem fim

para a Dor e para o Cansaço sem pranto

Coluna de fogo guiando pela noite os pés da Promessa no labirinto ofegante das Línguas
sudários maculados pelo pólen amargo do Oriente pólen sequioso de repousar enfim
nas linhas de água nos lençóis novos dos esposos por Amar-se

Tronco de carne contorcendo-se sobre a brasa bicos de aves rasgando no embate perfurante
o pergaminho exposto signo aberto de outra coisa concha fracta em grãos somando-se na
altura instável das paredes do deserto pela goma orgânica do pergaminho transpirando

Anúncio da verdade convocada para a bofetada nas duas faces

Há um Saber Maior na peregrinação indistinta do asceta de nascença e do penitente tardio e de
mim reunião dos fios na procissão embrulhada

outros desfiando a teia desfolhando os cumes das árvores descobrindo os telhados

visitação do rio pó pelo curso interior dos canais campestres pincéis matinais soprando flores

irrigação intermitente do jardim onde peixes vão buscar os olhos para os ovos dos rouxinóis

Vertigem

Atacas-me sempre de surpresa
Como um animal faminto.
Minas todos os descampados que atravesso
Encobres todos os céus que me esmagam
Diriges-me pelo labirinto
Até ao beco mais perdido
Até ao beco mais sem saída
Até onde me encontro irrecuperavelmente louco.
Abres a boca
Doces hiroximas rebentam-me em cada poro.
Corroem-me as úlceras mais pungentes
Cancros efervescentes violentam-me recantos outrora a salvo.
Comandas quadrilhas terroristas de pássaros insanos
Que investem contra o meu crânio e gritam
Gritam e morrem aos meus ouvidos.
Olhas-me sempre.
Olhar, sempre.
Depois corres com intervalos ao meu encontro
E limpas-me as feridas e abraças o meu abandono.
Não há compaixão nem desvanecimento.
És apenas o alento do meu estilhaçar.
Eu-em-pedacinhos.
Cólica, fome, vontade - em pedacinhos.
És a religião do não retorno,
A lógica do abismo.

Primavera

Escorrem farsas impetuosas pelos telhados destes dias.
Os gatos recolhem-se na primavera doente, abafam miados e o seu coração pára.
Tudo se arrasta com a amargura de velhos silêncios, os dentes dos esparsos
sorrisos encarceram línguas gastas e abandonadas. Doçuras latentes, esmagadas
por coisas de hoje em dia. Força maior de muitos nada consumindo em
fogos-fátuos - luz pálida não merece chamar-se luz. Aromas acres de algo
queimado, esturro de memórias de toneladas.
Alguém o resumiu: "São os vícios."

Pois bem.
É agora. Agride o teu semelhante. Esmurra-o, esgana-o, arranca-lhe tufos de
cabelo, não lhe deixes dentes. Agora. Tudo o que ele disser agora será com sangue na
boca.
Nódoas negras de dignidade. Inflamações de astúcia. Meio morto, mais lúcido que
os vivos.
Dentes e cabelos de vermelho no chão. Eram os vícios.

Rodopio de energias
E uma torrente disparada:
Ó quanta calamidade invisível
E quantos naufrágios indizíveis!
Quantos regatos luxuriantes,
Quantos mares de prazeres escaldantes!

Requinte sádico infantil
e enxurrada mortal,
Maquiavélico engenho maduro
e estação hidro-eléctrica central,
Desleixo flexível incoerente
e pedras a chapinhar,
Apetite indecente
E sexo livre no mar,
Sérias considerações abstractas
e fluxo temporal inexorável,
Desperdício clemente
e apatia compreendida.

Ou
abre-se a torneira.

Criptograma

Esquizofrenia alucinada
avançando eclesiasticamente.

Identidade

da chave.

A terrífica e clemente
plateia...

O silêncio.

Iminência de vida,
uma redenção frenética?

Sandra Guerreiro

o torso para a frente
mais alto que a voz

moscas a zunir

a individualidade não é a imagem

o potencial do corpo

a ignor-ânsia do tom

o som

começamos a serrar

um campo de crateras extintas

porta de água

arco de sal

triângulo a sombrear azul

apesar de tudo

a cinza arde

barro das pontas

lâminas de luas

eclipse segurando facas dentro

a fera

ida

vinda

em

t o d a a e x t e n s ã o

uma faina para carne

a estima pela negação
como pátio de luz amarela nas entranhas
carentes
as pedras disponíveis
espelhadas
no contínuo do fugaz
espalhada a voz
presa perdida na mudez do diário

o leite escorre nas cinzas brancas

cabeça longa nos dias de ontem
alinhada cicatriz nas folgas
soltas de lua

vislumbrar lumes de roupas
gosto e peles fecundas
e sol pasmado no canto do barulho
gasta baleia saltando capítulo
explanada planície atracada na roda das mãos

a luz feita concha funde com o passar

(d)a

.palavra

Auto-se-g-me-n-to

Coronalmente partiram-se labiamente os dentes
Arredondadamente escavacaram-se palatalmente os alvéolos
Silabicamente destruíram-se alveolarmente as fossas nasais
Consonanticamente derrubaram-se velarmente o nariz
Sonoramente arruinou-se uvularmente a língua

Terrassilva

Ana Braz

Ana B

Anastácio Caraca

Claudia Moraes

Primeiro esgotamento

Cristina Nery

ESGOTAMENTO

dan

ESGOTAMENT

Dav

ESGOTAMEN

En

ESGOTAME

Fig

ESGOTAM

Fre

ESGOTA

Frederico dos Santos da Cunha

ESGOT

Gr

ESGO

João

ESG

Jorge

ES

Jorge

E

F

G

I

Maria Aécia de Almeida

Mirna Henriques

Mirna Oliveira

Miguel Carvalho

Natália Teles Nunes

Paulo Renato Cardoso de Jesus

Pedro Augusto

Ricardo Cabrita

Ricardo Almeida

Terrassilva

Principles of Management

- ESOTAMINTO
- ESOTAMINT
- ESOTAMEN
- ESOTAME
- ESOTAM
- ESOTA
- ESOT

11-11-11-11

- ESCO - 1
- ESCO - 2
- ESCO - 3
- ESCO - 4
- ESCO - 5
- ESCO - 6
- ESCO - 7
- ESCO - 8
- ESCO - 9
- ESCO - 10
- ESCO - 11
- ESCO - 12
- ESCO - 13
- ESCO - 14
- ESCO - 15
- ESCO - 16
- ESCO - 17
- ESCO - 18
- ESCO - 19
- ESCO - 20
- ESCO - 21
- ESCO - 22
- ESCO - 23
- ESCO - 24
- ESCO - 25
- ESCO - 26
- ESCO - 27
- ESCO - 28
- ESCO - 29
- ESCO - 30
- ESCO - 31
- ESCO - 32
- ESCO - 33
- ESCO - 34
- ESCO - 35
- ESCO - 36
- ESCO - 37
- ESCO - 38
- ESCO - 39
- ESCO - 40
- ESCO - 41
- ESCO - 42
- ESCO - 43
- ESCO - 44
- ESCO - 45
- ESCO - 46
- ESCO - 47
- ESCO - 48
- ESCO - 49
- ESCO - 50
- ESCO - 51
- ESCO - 52
- ESCO - 53
- ESCO - 54
- ESCO - 55
- ESCO - 56
- ESCO - 57
- ESCO - 58
- ESCO - 59
- ESCO - 60
- ESCO - 61
- ESCO - 62
- ESCO - 63
- ESCO - 64
- ESCO - 65
- ESCO - 66
- ESCO - 67
- ESCO - 68
- ESCO - 69
- ESCO - 70
- ESCO - 71
- ESCO - 72
- ESCO - 73
- ESCO - 74
- ESCO - 75
- ESCO - 76
- ESCO - 77
- ESCO - 78
- ESCO - 79
- ESCO - 80
- ESCO - 81
- ESCO - 82
- ESCO - 83
- ESCO - 84
- ESCO - 85
- ESCO - 86
- ESCO - 87
- ESCO - 88
- ESCO - 89
- ESCO - 90
- ESCO - 91
- ESCO - 92
- ESCO - 93
- ESCO - 94
- ESCO - 95
- ESCO - 96
- ESCO - 97
- ESCO - 98
- ESCO - 99
- ESCO - 100

Colaboraram neste número:

Ana Braz

aNa B

Anastácio Caraça

Cláudia Morais

Cláudia Pinto

Cristina Nery

daniel matos

David Sumares

Emiliana Cruz

Filipe Cravo

Frederico Cardoso da Cunha

Graça Capinha

João Rasteiro

Jorge Andrade

Jorge Melícias

Maria Alcina de Almeida

Marisa Henriques

Mécia Gouveia

Miguel Carvalho

Natália Teles Nunes

Paulo Renato Cardoso de Jesus

Pedro Fabião

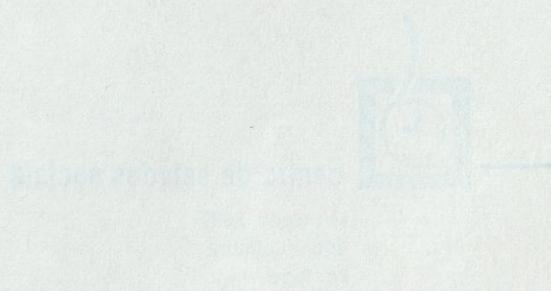
Ricardo Cabrita

Sandra Guerreiro

Terrasilva

Colaboraram neste número:

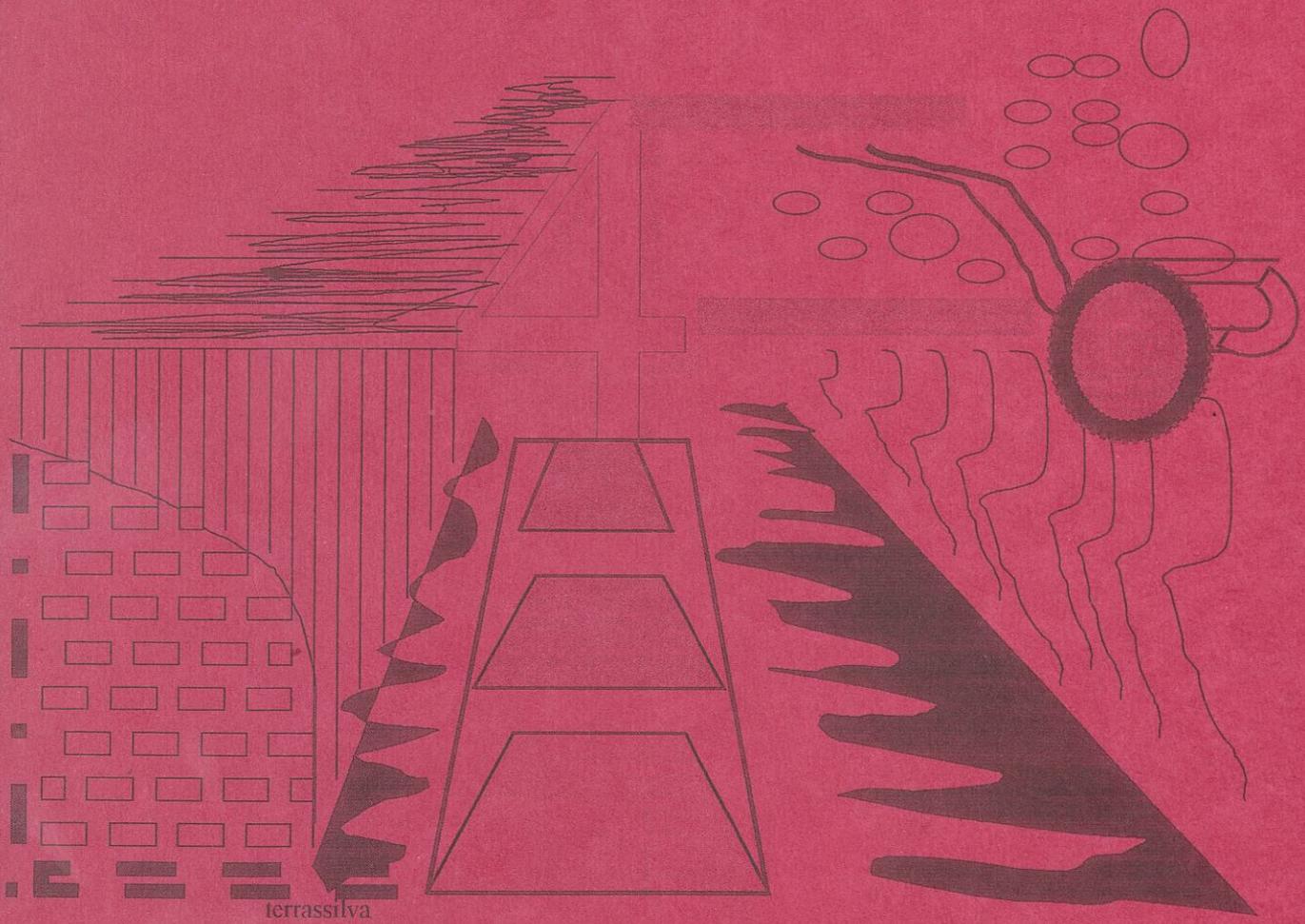
- Ana Lúcia
- Ana B.
- Assisio Caraga
- Cláudia Moura
- Cláudia Pinto
- Christa Nery
- Cláudia Nery
- David Soares
- Enilson Cruz
- Filipe Cruz
- Frederico Cardoso da Cunha
- Luca Caputo
- João Rastelo
- Jorge Andrade
- Jorge Melicis
- Maria Alcina de Almeida
- Maria Henriques
- Marcos Gouveia
- Miguel Carvalho
- Neuza Teles Nunes
- Paulo Renato Cardoso de Jesus
- Pedro Leão
- Ricardo Cabrita
- Sandra Gonetto
- Tatiana





centro de estudos sociais

apartado 3087
3000 Coimbra
Portugal



terrassilva